

Grupo de Trabalho: Ensino da Sociologia

**Transversalidade no Ensino Médio:
Uma experiência entre as disciplinas de Sociologia e de Espanhol**

Luis Afonso Salturi – Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Curitiba-PR.

Juliana Regina Pretto – Instituto Federal do Paraná, Paranaguá-PR.



**6º SEMINÁRIO NACIONAL
DE SOCIOLOGIA & POLÍTICA**
*Releituras Contemporâneas: o Brasil
na Perspectiva das Ciências Sociais.*
20 A 22 DE MAIO – 2015 **UFPR**

Transversalidade no Ensino Médio: Uma experiência entre as disciplinas de Sociologia e de Espanhol

Luis Afonso Salturi¹

Juliana Regina Pretto²

Resumo: Este artigo trata sobre a transversalidade de conteúdos estruturantes do Ensino Médio, a partir do relato de uma experiência desenvolvida entre as disciplinas de Sociologia e de Espanhol. Tomamos como base os resultados obtidos através de uma oficina sobre o “Dia dos Mortos” no México, realizada num colégio público da cidade de Curitiba-PR. Ao final, o cronograma das atividades desenvolvidas é apresentado como apêndice, servindo também como proposta para uma nova aplicação.

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia, Ensino de Espanhol, Transversalidade.

Vivemos num país formado por diferentes etnias, repleto de culturas e crenças diversas. Por isso, é de especial importância fomentar em nossos alunos o respeito e a tolerância em relação às diferenças, a partir de atitudes integradoras e não excludentes. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é relatar uma experiência realizada no ano de 2010, com alunos do Ensino Médio de um colégio público da cidade de Curitiba, Paraná, durante uma oficina que envolvia as disciplinas de Sociologia e de Espanhol. Nessa oficina, escolhemos como tema transversal para trabalhar os conteúdos das duas disciplinas o “Dia dos Mortos” no México, com o intuito de incentivar o respeito à cultura de outros povos e a tolerância religiosa, bem como a aprendizagem da língua espanhola.

Por possuírem desenvolvimentos político, econômico e social diversificados, os diferentes grupos sociais não podem ser comparados entre si e classificados como mais, ou menos importantes. Conceitos sociológicos como os de cultura e de identidade permitem romper com o senso comum e adotar, ao invés deste, uma perspectiva científica frente aos fenômenos sociais. Tendo isso em vista, para desenvolver os conteúdos propostos na oficina, baseamo-nos tanto nesses conceitos, quanto na interculturalidade para o ensino de línguas

¹ Graduado em Ciências Sociais (2004), Mestre (2007) e Doutor em Sociologia (2011) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor na Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em Curitiba-PR.

² Graduada em Letras - Português e Espanhol (2002) e Mestre em Letras (2006) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Instituto Federal do Paraná, em Paranaguá-PR.



estrangeiras. Por isso, antes de expor nossa experiência, iniciaremos explicando o conceito de competência intercultural, esclarecendo melhor a sua relação com o tema transversal escolhido.

Transversalidade e interculturalidade na sala de aula

A cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de sua herança biológica. A noção de cultura é inerente à reflexão das Ciências Sociais, na medida em que fornece uma resposta mais satisfatória para tratar sobre a diferença entre os grupos sociais. Existe uma forte relação entre os conceitos de cultura e de identidade. Segundo CUCHE (2002), enquanto a cultura depende em grande parte de processos inconscientes, a identidade remete a uma norma de vinculações consciente, baseada em oposições simbólicas. Desse modo, a identidade é ao mesmo tempo inclusão e exclusão, pois se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. A competência intercultural é a habilidade de agir de forma adequada diante de atitudes e expectativas de indivíduos de outras culturas. BYRAM e FLEMING (2001) propõem que a competência intercultural constitua um componente indissociável daquela que é uma competência mais geral, a competência comunicativa.

O conceito de competência comunicativa cunhado por Hymes, em 1971, e reformulado por Canale, em 1983, deu origem aos enfoques que representaram uma mudança de orientação no ensino de línguas estrangeiras. HYMES (1995) apresenta a competência comunicativa como vários sistemas de regras que se refletem nos juízos e capacidades daqueles cujas mensagens manifestam o comportamento. CANALE (1995) propõe quatro áreas de conhecimento e habilidade como elementos que interagem com outros sistemas de conhecimentos e habilidades, as quais são chamadas de competência gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica. O autor afirma que a competência sociolinguística relaciona-se à adequação do comportamento linguístico ao contexto sociocultural como, por exemplo, as normas de comportamento social da cultura em que essa língua está inserida e os hábitos.



Os estudos sobre a interculturalidade evoluíram a partir da pragmática, da sociolinguística e da etnolinguística. Na atualidade, entre os enfoques que tratam do desenvolvimento da competência intercultural, destacam-se principalmente dois: o enfoque das destrezas sociais e o enfoque holístico. O primeiro se baseia no modelo do falante nativo e seu objetivo é que o aprendiz se comporte em relação às normas e convenções da comunidade de fala em questão de modo a passar por um membro da mesma. Já a proposta do segundo enfoque consiste em desenvolver no aprendiz certos aspectos afetivos e emocionais, entre eles uma atitude, uma sensibilidade e empatia especiais a respeito das diferenças culturais. Somente assim, se superará o etnocentrismo sem renunciar nem à sua personalidade nem à sua identidade e, ao se reduzir o impacto do choque cultural, será capaz de se tornar um mediador entre as culturas em contato (OLIVERAS, 2000).

CORROS (2002) explica que o objetivo de um ensino intercultural seria que o aprendiz de uma língua estrangeira fosse uma espécie de intermediário, um falante intercultural que, quando tiver adquirido a competência cultural adequada, passará a ser um ator intercultural. GONZÁLEZ (2002), preocupando-se com quais conteúdos culturais ensinar em sala de aula, os agrupa em duas partes, aqueles que entendem cultura como forma de vida e os que entendem cultura como as produções intelectuais e artísticas. A primeira inclui as relações sociais, aspectos socioeconômicos, sociais e de tempo livre; a segunda, os âmbitos literário e artístico, político, histórico, geográfico, de meio ambiente e o componente estereotipado e típico.

As *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, além de assumir a importância do ensino da língua estrangeira em suas quatro habilidades, propõem a cultura como um ponto de partida para o tratamento de temas transversais. A partir dos conhecimentos da cultura estrangeira podem-se efetuar mudanças no sentido de contribuir para formar um aluno livre de preconceitos. No que tange ao ensino de Sociologia, o documento menciona que devemos utilizar em sala de aula conceitos, teorias e temas de forma articulada para poder desenvolver nos alunos o domínio da linguagem científica. Dessa forma, o ensino adquire uma função social e apresenta contribuições para a formação do aluno como cidadão. Com esse objetivo, o documento propõe alguns temas para reflexão relacionados à ideia de formação do cidadão: política, economia, educação, problemas sociais, esportes, tempo livre, informação e imprensa, línguas e linguagens (BRASIL, 2006, v. 1 e 3).



Nesta experiência que relatamos, adotamos a proposta do enfoque holístico pensando nos objetivos de um ensino intercultural tal qual propõe CORROS (2002), para desenvolver nos alunos uma postura de sensibilização e empatia em relação às diferenças culturais, com uma atitude integradora e não excludente, além de contribuir para a formação do aluno como cidadão, ao combater o preconceito e a intolerância. Por isso, escolhemos trabalhar com um tema que pudesse se encaixar nos conteúdos das duas disciplinas: o “Dia dos Mortos” no México, uma festividade religiosa com costumes e crenças de origem cristã e indígena muito diferente do “Dia de Finados” que ocorre no Brasil e do *Halloween*, nos Estados Unidos.

De acordo com BRANDES (2000), “Dia dos Mortos” é um termo específico para a versão mexicana do “Dia de Todos os Santos” e do “Dia de Finados”. Durante essa festividade muitos mexicanos, além de irem à missa e decorar os túmulos dos finados, também preparam oferendas para seus entes queridos (“os altares de morto”), decoram suas casas com papéis coloridos e brinquedos de plástico, fazem as comidas típicas do dia (pães decorados e caveiras de açúcar). Todos esses elementos sugerem um tratamento macabro e ao mesmo tempo irreverente da morte. Segundo ALBERRO (2004), caracterizada pela origem em tradições astecas, celtas e católicas, o “Dia dos Mortos” no México é uma festividade basicamente alegre, em que as famílias que a celebram acreditam receber em suas casas a visita de seus finados familiares. São deixadas oferendas nos túmulos dos entes queridos, e as famílias também montam um altar para homenageá-los. Tal altar é decorado com flores, amuletos religiosos, água, velas, fotografia dos finados, seus objetos e suas comidas e bebidas preferidas.

O “Dia dos Mortos” no México e o respeito à diversidade cultural e religiosa

Quando trabalhávamos como professores das disciplinas de Sociologia e de Espanhol num colégio público da cidade de Curitiba, tivemos como tarefa elaborar uma oficina na qual os alunos pudessem adquirir conhecimentos específicos e expô-los ao público interno e externo que visitaria a Semana Cultural da escola. Resolvemos, então, propor uma oficina sobre o “Dia dos Mortos” no México com o objetivo de trabalhar as tradições e as origens da festividade em questão e, ao mesmo tempo, a tolerância religiosa. Nossa oficina estabeleceu como objetivos: ampliar o conhecimento de mundo dos participantes ao discutir as formas de



ver a morte em diferentes culturas; fomentar a tolerância religiosa; sistematizar conhecimentos sobre a festividade; confeccionar um painel explicativo; e montar um “altar de morto”. Trabalhou-se com os seguintes conteúdos sobre a festividade religiosa: data e origem; crenças e sincretismo religioso; costumes e tradições; altar de morto e significado dos objetos que o compõem; e as diferenças entre o “Dia dos Mortos”, o “Dia de Finados” e o *Halloween*.

As atividades foram realizadas de forma que os alunos pudessem escolher a oficina da qual gostariam de participar e, por isso, foram abertas inscrições. Uma semana antes do dia das inscrições, fizemos cartazes divulgando nossa oficina. Os cartazes apresentavam imagens das tradições mexicanas desse dia: os rituais, a decoração e as comidas. Em dia marcado, os alunos se dirigiram ao pátio do colégio e efetuaram as suas inscrições. No horário normal de aula foram reservados três dias para que os professores responsáveis por cada oficina desenvolvessem os temas com os alunos. Cada oficina contava com vinte vagas e tivemos esse número de alunos inscritos.

No primeiro encontro (apêndice 1), abrimos a oficina com algumas perguntas dirigidas a todo o grupo para averiguar seus conhecimentos prévios sobre a festividade e sobre as crenças de diferentes culturas em relação à morte, bem como para verificar a motivação dos alunos ao inscrever-se na oficina. Primeiramente, lhes perguntamos se sabiam algo sobre a festa a ser estudada e a partir de suas respostas foi possível perceber que a maioria acreditava que o “Dia dos Mortos” no México fosse semelhante à festividade americana do *Halloween*. Depois, lhes perguntamos o que pensavam sobre a morte, como se sentiam em relação a ela e se achavam que esses seus sentimentos estavam relacionados com a sua própria cultura e religião. Nesse ponto, explicamos que, dependendo da cultura e da religião, as pessoas entendem a morte de forma diferente e que isso deve ser respeitado. Em seguida, perguntamos aos alunos se eles conheciam diferentes formas de entender a morte presente em outras culturas e a essa questão responderam afirmativamente. Finalmente, lhes perguntamos por quais motivos haviam escolhido se inscrever na oficina, sendo as respostas bastante variadas, mas de maneira geral notou-se uma grande curiosidade em relação ao tema.

Para trabalhar os conteúdos da oficina, utilizamos vídeos em espanhol que variavam entre três e dez minutos de duração. O primeiro vídeo apresentava uma pequena reportagem sobre a festividade, que explicava as suas origens e os costumes. Colocamos este duas vezes e, na segunda visualização, pedimos para que os alunos anotassem as seguintes informações: a



crença dos mexicanos antigos sobre a morte; quando ocorre a celebração; os costumes desse dia; o que são os altares de mortos e por que são oferecidos aos mortos; quais são as comidas desse dia; e quais são os objetos usados e o que simbolizam.

O segundo vídeo explicava as diferenças entre o “Dia dos Mortos” no México e o *Halloween*; depois de visualizá-lo duas vezes, os alunos anotaram e explicaram as diferenças entre as duas festas. O terceiro vídeo tratava da maneira irônica e em certa medida alegre de entender a morte presente na festa; também explicava sobre o altar de morto. Os alunos visualizaram este vídeo duas vezes e responderam às seguintes perguntas: Por que se trata de uma festividade alegre? Quais são os objetos do altar de morto e o que simbolizam? Completamos a explicação sobre o altar explicando as suas origens na cultura asteca e reforçando a necessidade de se respeitar as crenças de outros povos e outras religiões. Também apresentamos imagens de alguns altares e chamamos a atenção para a riqueza de cores na decoração.

No segundo encontro (apêndice 2), retomamos o que havia sido estudado no encontro anterior e lhes perguntamos o que acharam dos costumes do “Dia dos Mortos” no México. Notamos que muitos alunos se mostraram especialmente surpresos com o “altar de morto”, que inicialmente associaram a um ritual de feitiço ou magia negra, mas ao terem informações sobre as tradições e origens da festa, passaram a vê-lo como um símbolo da religiosidade. Nesse encontro tivemos que começar a preparar a exposição que os alunos fariam na Semana Cultural. Para isso, os dividimos em quatro grupos, os quais cada um deles se encarregou de um dos tópicos estudados no primeiro encontro: 1) Dias da celebração, crenças e suas origens; 2) Costumes, comidas, bebidas, objetos e adornos; 3) Tipos de altares de mortos e significados dos objetos; 4) Diferenças entre o Dia dos Mortos e o *Halloween*. Cada grupo escreveu um pequeno texto sobre o seu tópico, montando um painel explicativo. Além do painel explicativo também propomos a montagem de uma réplica de um “altar de morto”. Explicamos que nosso objetivo não era estimular que eles assimilassem as crenças da festa, mas observar as reações dos visitantes ao se depararem com o altar em exposição. A partir das reações poderíamos ter uma atitude preventiva no sentido de fomentar o respeito e a tolerância religiosa. Também combinamos de levarmos comidas para colocar no altar e, ao final das atividades da Semana Cultural, realizarmos uma confraternização na qual comeríamos as “oferendas”.



No terceiro encontro (apêndice 3) colocamos um vídeo que tratava das decorações do “Dia dos Mortos” e retiramos dele algumas ideias para fazer a decoração da sala de aula em que ficariam expostos o painel e o altar. Os alunos confeccionaram vários enfeites e nesse momento com mais descontração, mostraram-se muito animados com o evento.

No dia das exposições na Semana Cultural, após realizar a montagem da decoração, do painel e do altar, dividimos os alunos em grupos com quatro integrantes e fizemos escalas de horários para a permanência dos grupos na sala. Cada grupo deveria permanecer na sala num determinado horário para fazer a exposição oral aos visitantes. Nos horários em que não estavam apresentando seus trabalhos, cada aluno ficou livre para visitar os trabalhos realizados em outras oficinas. Após as visitas e exposições, fizemos um momento de confraternização apenas para os participantes da oficina.

Por iniciativa do colégio, realizou-se um encontro de avaliação do evento cultural, em que conversamos sobre o que haviam aprendido na oficina, do que haviam gostado mais na Semana Cultural e outras impressões. Nesse momento, os alunos nos relataram que vários visitantes, ao se depararem com o altar de morto, mostraram-se relutantes a entrar na nossa sala, pois relacionaram o altar a um ritual de magia. Diante dessas reações, nossos alunos disseram que conversaram com os visitantes, explicando a eles o objetivo da montagem do altar em nossa oficina, bem como os costumes e tradições do “Dia dos Mortos” no México. Dessa forma, os conhecimentos adquiridos na oficina acerca dos costumes e crenças de outro povo contribuíram para romper os preconceitos e a intolerância, bem como o respeito à outras culturas.

Considerações Finais

Note-se que, na experiência relatada, foram trabalhados conteúdos de ambas as disciplinas. Toda a proposta esteve imbuída do conceito de cultura advindo das Ciências Sociais, à medida que foi tratado dos comportamentos dos povos em relação à religiosidade e à visão da morte. Foram trabalhados os conteúdos específicos de cultura hispânica, costumes e tradições do “Dia dos Mortos” no México, e também a habilidade de compreensão auditiva, com a visualização de reportagens em espanhol. Reforçou-se a necessidade de combater



preconceitos e respeitar a cultura do outro, mais especificamente de tolerar a religiosidade alheia, sem juízos de valor – responsabilidade de todas as disciplinas.

Retomando as ideias de transversalidade e a formação do aluno como cidadão, podemos pensar em projetos entre as disciplinas que são alvo deste artigo, os quais poderiam resultar numa exposição realizada para algum evento escolar, como semanas culturais ou feiras de ciências. Acreditamos ser mais motivador expor os trabalhos em eventos escolares, devido ao fato de os alunos poderem compartilhar e divulgar as informações obtidas durante as aulas; os eventos escolares também possibilitam multiplicar os conhecimentos obtidos, inclusive com a comunidade local que visitará o evento. Esperamos haver contribuído para o trabalho de professores de Sociologia e Espanhol e estamos certos de que há muitas outras possibilidades de projetos bastante válidos entre essas disciplinas.

Referências bibliográficas

ALBERRO, M. El antiguo festival céltico pagano de Sumain y su continuación en la fiesta laica de Halloween, el Día de los Difuntos Cristiano y el Día de Muertos en México. **Revista Araucaria**, Sevilha, v. 5, n. 12, 2004, p. 3-31.

BRANDES, S. El día de muertos, el Halloween y la búsqueda de una identidad nacional mexicana. **Revista Alteridades**, México, v. 10, n. 20, 2000, p. 7-20.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. V. 1.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. V. 3.

BYRAM, M.; FLEMING, M. **Perspectivas interculturales en el aprendizaje de idiomas: Enfoques a través del teatro y la etnografía**. Cambridge: Cambridge University Press. Colección Cambridge de Didáctica de lenguas, 2001.



CANALE, M. De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje. In: LLOVERA, M. et al. **Competencia comunicativa**: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madri: Edelsa, 1995.

CORROS MAZÓN, F. J. Malentendidos culturales en Estudiantes norteamericanos de E/LE. **Revista Forma**. Sgel, Madri, 2002, n. 4, p. 119-136.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

GONZÁLEZ CASADO, P. Contenidos culturales e imagen de España en manuales de E/LE de los años 90. **Revista Forma**. Sgel, Madri, 2002, n. 4, p. 63-86.

HYMES, D. H. Acerca de la competencia comunicativa. In: LLOVERA, M. et al. **Competencia comunicativa**: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madri: Edelsa, 1995.

OLIVERAS, A. **Hacia la competencia intercultural en el aprendizaje de una lengua extranjera**: Estudio del choque cultural y los malentendidos. Madrid: Edinumen, 2000.



Apêndices

APÊNDICE 1 - OFICINA “DIA DOS MORTOS” NO MÉXICO: PRIMEIRO ENCONTRO				
Objetivos: - Ampliar o conhecimento de mundo dos participantes e discutir sobre as diferentes formas de ver a morte; - Sistematizar conhecimentos sobre a festividade; - Elaborar um roteiro para a confecção de um painel explicativo.				
Conteúdos: - Data e origem da festividade; - Crenças e sincretismo religioso; - Costumes e tradições; - Tipos de altares de mortos e significado dos objetos que compõem o altar; - Diferenças entre o “Dia dos Mortos”, o “Dia de Finados” e o <i>Halloween</i> .				
Recursos: - TV multimídia; - Quadro e giz.				
Desenvolvimento da aula: 2 aulas (90 minutos)				
Passos: 1	Tempo: 10 min	Fase: Apresentação	Tipo de agrupamento: individual	Fazer as seguintes perguntas ao grupo: - O que você sabe sobre o “Dia dos Mortos” no México? - Você conhece outras formas de entender a morte presente em culturas diferentes da nossa? - Você pensa sobre a morte? - O que sente em relação a ela? - Por que você escolheu se inscrever nesta oficina?
2	20 min	Visualização de reportagem	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Colocar a reportagem duas vezes. Na segunda, parar para que os alunos anotem as seguintes informações: - A crença dos mexicanos antigos sobre a morte; - Quando ocorre a celebração; - Os costumes desse dia; - O que são os altares de mortos e por que são oferecidos aos mortos;



				<ul style="list-style-type: none"> - Quais são as comidas desse dia; - Quais são os objetos usados e para que servem.
3	10 min	Visualização de vídeo	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Colocar o vídeo duas vezes. Na segunda, parar para que os alunos anotem as diferenças entre “Dia dos Mortos”, o “Dia dos Finados” e o <i>Halloween</i> .
4	30 min	Visualização de vídeo	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Colocar o vídeo duas vezes. Na segunda, parar para que os alunos anotem as seguintes informações: <ul style="list-style-type: none"> - Como os antigos astecas viam a morte? - Anote os tipos de altares por níveis e o que simboliza cada nível. - Anote os objetos do altar de morto e seus significados.
5	20 min	Prática	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	<p>Cada grupo se encarrega de um dos seguintes tópicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dias da celebração, crenças e origens das crenças; - Costumes, comidas, bebidas, objetos e adornos; - Tipos de altares de mortos e significados dos objetos; - Diferenças entre “Dia dos Mortos”, “Dia dos Finados” e <i>Halloween</i>. <p>Os grupos escrevem o texto que vai compor o painel explicativo.</p> <p>Ao final, os professores solicitam para o segundo encontro, que os alunos tragam cartolinas, papel crepom e outros papéis nas cores laranja e roxo.</p>



APÊNDICE 2 - OFICINA “DIA DOS MORTOS” NO MÉXICO:
SEGUNDO ENCONTRO

Objetivos:

- Confeccionar os cartazes explicativos sobre a festividade;
- Definir os objetos e comidas a serem levados para a montagem do altar;
- Definir outras decorações para a sala no dia da semana cultural.

Conteúdos:

- Data e origem da festividade;
- Crenças e sincretismo religioso;
- Costumes e tradições;
- Tipos de altares de morto e significado dos objetos que compõem o altar;
- Diferenças entre o “Dia dos Mortos” e o *Halloween*.

Recursos:

- TV multimídia;
- Quadro e giz;
- Cartolina, papel de seda nas cores laranja, roxo e verde, canetinhas, tesouras e colas.

Desenvolvimento da aula: 3 aulas (150 minutos)

Passos: 1	Tempo: 60 min	Fase: Prática	Tipo de agrupamento: Grupos de até 5 alunos	Os grupos confeccionam o painel explicativo. Cada grupo se encarrega do tema estabelecido no encontro anterior.
2	10 min	Visualização de vídeos	Individualmente	Colocar dois vídeos para trabalhar a decoração. Os alunos individualmente fazem anotações de coisas interessantes que viram nos vídeos. Também se mostra o vídeo com instruções para fazer o “papel picado”, indispensável para a montagem do altar de morto.
3	30 min	Prática	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Os grupos discutem ideias para fazer a decoração da sala. O representante de cada grupo repassa para toda a turma as ideias do seu grupo e elabora-se uma lista de materiais necessários para apresentar no último encontro.



4	20 min	Prática	Individualmente	Faz-se uma votação sobre o personagem a ser “homenageado” no altar de morto.
5	30 min	Prática	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Anotam-se os alunos que ficarão responsáveis por levar os objetos para o altar de morto. Para isso, serão marcados os nomes numa lista de objetos previamente preparada pelos professores.

**APÊNDICE 3 - OFICINA “DIA DOS MORTOS” NO MÉXICO:
TERCEIRO ENCONTRO**

Objetivos:

- Confeccionar a decoração da sala de aula para o dia da apresentação na semana cultural;
- Discutir os últimos detalhes para a semana cultural e fazer ajustes, se necessário.

Conteúdos:

- Data e origem da festividade;
- Crenças e sincretismo religioso;
- Costumes e tradições;
- Tipos de altares de morto e significado dos objetos que compõem o altar;
- Diferenças entre o “Dia dos Mortos” e o *Halloween*.

Recursos:

TV multimídia;
Quadro e giz;
Cartolina, papel de seda colorido, barbante, canetinhas, tesouras e colas.

Desenvolvimento da aula: 2 aulas (90 minutos)

Passos: 1	Tempo: 70 min	Fase: Prática	Tipo de agrupamento: Grupos de até 5 alunos	Os grupos confeccionam as decorações.
2	20 min	Prática	Grande grupo	Fazer possíveis ajustes e discutir os últimos detalhes para a apresentação na semana cultural.

